

mudar
a



publicação do graal

- um espaço de reflexão crítica sobre as correntes e movimentos sociais do nosso tempo
- um estímulo à criação de modelos alternativos de vida em sociedade
- um olhar de fé sobre o hoje e o amanhã da história que vivemos



IGREJA — QUE FUTURO?

«Perante o futuro as pessoas dividem-se em três categorias: os que o deixam acontecer, os que o fazem acontecer, e os que perguntam o que aconteceu»

UMA FÉ AMEAÇADA

Pela primeira vez desde o seu início o cristianismo está ameaçado de deixar de existir ou, pelo menos, de vir a tornar-se insignificante, dentro de uma ou duas gerações. As profecias relativas ao seu próximo desaparecimento, prematuras no fim do séc. XVIII, poderão converter-se em realidade no final deste século.

Não faço esta afirmação com o sentimento de melancolia de quem vê fugir-lhe o poder em benefício de outros. Faço-o com a consciência de que assistimos, no Ocidente, a um enorme retrocesso da prática cristã, retrocesso cujas causas importaria compreender.

Com efeito, o cristianismo ocidental conheceu ao longo da sua história longos períodos de sucesso. Enquanto preenchia pesadas funções sociais e psicológicas, respondendo ao desejo de uma religiosidade arcaica, ligada a imagens do mundo e a medos elementares, a prática cristã impunha-se como evidência.

A questão está em saber o que se passa com o fenómeno religioso quando já não temos necessidade dele para realizar papéis de integração, de catarse, de explicação ou de propiciação. É comum ouvirmos hoje os crentes e os pastores mais comprometidos anunciarem o cristianismo em termos de convicção pessoal. Uma fé liberta de qualquer expectativa que não seja a de nos descobriremos amados e de amarmos nós também. Uma fé que procura na esperança um sentido último para este mundo injustificável.

Ora, não será este cristianismo «evangélico» um cristianismo inevitavelmente suicida? Não faltam sociólogos e historiadores a tentar provar, com todos os argumentos necessários, que, se a fé conseguiu atravessar séculos, foi porque desempenhou o papel de «religião» maciça, aculturada em relação às necessidades sociais.

De facto, se a fé cristã se transmitiu através dos tempos, se se conseguiu «aguentar» através de todas as vicissitudes históricas, foi porque se apoiava em meios institucionais e ideológicos poderosos. Neles, ela encontrava o suporte para elaborar uma visão completa da existência humana, capaz de a enquadrar na sua totalidade. Em contrapartida o que hoje se tende a afirmar, por necessidade ou por escolha, é uma fé de pequenos grupos, mais ligados por uma comunhão horizontal do que pela acção de uma autoridade; uma fé enraizada na tradição, mas livre na sua procura; uma fé que consente ou até favorece a secularização da ciência (séc. XVII), da história (séc. XVIII), da política (séc. XIX) e agora da moral (séc. XX).

Uma vez mais: não estará a fé a cavar a sua própria sepultura? Não há dúvida de que os cristãos possuíram outrora, e em certa medida nós próprios ainda conhecemos, uma fé forte. Era forte, não pela verdade ou pelo poder que lhe são intrínsecos (esses não mudaram!), mas pela convicção da superioridade do seu pensamento, pelo sucesso histórico da sua implantação, pela universalidade absoluta e única a que aspirava. Ora nós hoje professamos uma fé fraca. Sabemos que a nossa fé é minoritária, que foi progressivamente laminada pela história, que tende a reduzir-se sem cessar, que deixou de recrutar novos adeptos, que experimenta cada vez mais dificuldades em ultrapassar a barreira das gerações... Eis pois o cristianismo consciente da sua pequenez face às dimensões reais da humanidade, no tempo e no espaço. Ei-lo indeciso na sua missão relativamente às grandes forças sociais, abalado pela crítica à religião, hesitante perante as modernas aquisições da ciência, impotente, enfim, face aos grandes problemas que a vida no planeta hoje nos põe.

Se ao menos o mal-estar parasse aí... Se a incerteza se situasse apenas ao nível das relações fé/mundo...! Mas não. É a própria fé que se mostra afectada por uma inquietação inédita, susceptível de paralisar a sua transmissão. Ela que se apresentava tão segura da sua linguagem pretensamente imutável, da invulnerabilidade do seu «depósito» de verdade objectiva, do rigor conceptual dos seus símbolos, da demonstratividade histórica e racional da sua credibilidade! Forçada a repousar cada vez mais sobre si mesma, sem apoios racionais, vêmo-la descobrir a complexidade da sua génese e as vicissitudes da sua história atormentada. E porque já não lhe é possível refugiar-se na ingenuidade, vêmo-la submeter-se, finalmente, a interpretar o que anuncia.

Apercebemo-nos assim, e de uma forma que é afinal intrínseca à religião cristã, dos aspectos da sua fragilidade e dos possíveis motivos do seu declínio. É certo que nos últimos anos se tem evocado como motivo de esperança o ressurgimento de uma certa procura religiosa, sobretudo entre os jovens.

Admitindo que se trata de um fenómeno real e não de uma excepção que toca apenas alguns indivíduos, importa perguntarmo-nos se são as igrejas cristãs que estão a colher os frutos deste novo surto de religiosidade. O vazio espiritual do nosso Ocidente é grande, mas a verdade é que o cristianismo se tem revelado pouco apto para o preencher. Como estranhar então que ele se veja superado por «produtos religiosos» de inferior qualidade que, dos Estados Unidos ou do Extremo-Oriente, se oferecem para o substituir?

Não esqueçamos também que a conjuntura internacional é sempre determinante para o clima eclesial. Às esperanças despertadas pela libertação, corresponderam os entusiasmos cristãos do após-guerra; à guerra fria dos anos 50, o anti-comunismo primário do último período do pontificado de Pio XII; à euforia da expansão económica e da détente, as aberturas do Concílio Vaticano II. Não será, pois, de estranhar que o clima de insegurança criado pela crise da energia e pela incapacidade de tantos leaders políticos venha a ecoar também na hemorragia lenta dos que deixam a Igreja e no desencorajamento dos que permanecem sem já nela se comprometerem.

A evolução recente à escala do mundo terá que pesar sobre a nossa maneira de olhar o futuro da vida comunitária na Igreja, da criatividade litúrgica, das relações entre a Igreja e os grandes problemas sociais. Há dez anos o movimento conciliar parecia contrabalançar, por si só, muitos dos indícios desfavoráveis que a nível social se faziam sentir. Hoje vejo como é grande a fragilidade das conquistas que então se fizeram. Em vez de avançar, o aparelho eclesiástico parece ter retrocedido, o que explica que, pelo menos aparentemente, as possibilidades de enraizamento, de maturação, de aceitação e de expansão na Igreja, em vez de aumentarem, pareçam ter diminuído.

O que gera, afinal, o futuro? Ao debruçarmo-nos sobre factores externos, corremos o risco de lhes atribuímos demasiado peso, para assim nos reconfortarmos do mal-estar que nos domina. Esses factores não podem senão fornecer-nos elementos de carácter indicativo. As verdadeiras raízes do futuro são de outra ordem. A meu ver, inscrevem-se na ordem da **convicção**.

Uma tal afirmação implica, obviamente, um apelo à nossa fé, à nossa confiança radical. Segundo as «promessas» que nos foram feitas, Deus será fiel à sua Igreja ou, pelo menos, à história do Evangelho que se prolonga através dela e, algumas vezes, apesar dela. É certo que, ao argumento: «as minhas palavras não passarão», poderíamos objectar com outra citação evangélica: «O Filho do Homem encontrará a Fé sobre a Terra». Encontrará de facto? Como conciliar a confiança com o drama da incredulidade, nem sempre culpável? Mas não nos perturbemos. Entre a pura adesão na fé e a percepção sensível de sinais de esperança, não haverá um intermédio, uma achega minimamente reconfortante?

Para estas questões cada um de nós terá uma resposta diferente. Quanto a mim, numa situação de incerteza, gosto de pensar que o homem representa, apesar de tudo, o critério mais sólido. Se o Evangelho conseguisse ser esta força histórica de referência, capaz de transformar o homem, salvando-o da desumanidade e do desespero, nessa medida tudo, ou pelo menos o essencial, permaneceria salvo. Em situações de total perplexidade, ao trabalharmos pela dignidade humana, ao amarmos e ao acolhermos o próximo que sofre, não nos enganamos. Avançamos pela via mais segura ao encontro da verdade.

Considero isto fundamental, embora reconheça que é pouco. Não gostaria de limitar a esta ideia generosa a minha resposta à questão do futuro do cristianismo.

O cristianismo foi adoptado, nos quatro primeiros séculos da sua história, por um quarto dos habitantes da zona do Mediterrâneo. E nunca como então a fé foi vivida na sua autenticidade e na sua pureza. Ora, se a mensagem evangélica assim se difundiu — sem nenhuma consciência doutrinária, sem nenhuma acção, sem nenhum corpo teórico, sem nenhuma hierarquia missionária, unicamente por contágio, pela força da fé e pelo testemunho de vida dos fiéis — temos razão para ter esperança no futuro. As instituições podem desmorrar-se. Este poder de persuasão, que é afinal o poder do Espírito, continuará a deixar rasto, a congregar comunidades, a manter viva a memória de Jesus Cristo. Nisso reside o essencial da fé.

Pierre Jossua
in «Lettres sur la foi»
Ed. du Cerf, 1980

Espero e desejo uma Igreja católica que tenha verdadeiramente as dimensões do mundo. Até ao séc. XX, mesmo nas suas exportações longínquas, a Igreja nunca deixou de ser uma Igreja europeia. No mundo de hoje, estão criadas as condições para que a Igreja se apresente, em todas as culturas, como uma multidão de pequenas igrejas locais, verdadeiramente enraizadas e, portanto, originais e diferentes umas das outras.

O núcleo da fé permanecerá, em toda a parte, o mesmo: fé no Deus único e vivo que a si próprio se entregou aos homens para ser partilhado; fé em Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado, Palavra irrecusável e vitoriosa de Deus ao mundo. Mas uma Igreja às dimensões do mundo, nas suas diversas comunidades particulares e autónomas, deverá apresentar teologias de tipo diferente, métodos pastorais diversificados, liturgias diferenciadas de acordo com as culturas e não apenas com as línguas utilizadas.

Espero e desejo que a Igreja do futuro seja

uma Igreja ardente, que reza, que ama, que contempla. É certo que a Igreja tem responsabilidades de ordem socio-política e socio-crítica — responsabilidades que talvez não tenham sido suficientemente assumidas no passado, sobretudo porque, nos últimos séculos, a ideologia dominante foi a da aliança do trono e do altar. Mas mesmo que, no futuro, se empenhe em cumprir melhor essas tarefas, nem por isso ela deverá jamais confundir-se com um partido, um movimento, uma associação com objectivos exclusivamente socio-políticos e humanitários.

Só se permanecer um lugar onde a oração, a contemplação, a adoração do Deus vivo puderem desenvolver-se a Igreja poderá intervir eficazmente na instauração da justiça no mundo.

Karl Rahner
in *Témoignage Chrétien*
Novembro 1982



OS DESAFIOS DO ANO 2000

Ah, como a Igreja é bela quando a sonhamos! Pura transparência do Evangelho, compromisso pleno com os oprimidos, confissão directa de Jesus Cristo, proposta sedutora de comunidade... Com as cores do Reino de Deus já totalmente realizado, torna-se possível dizer, com propriedade, que a Igreja é «Luz das Nações»!

A única certeza que tenho sobre o futuro da Igreja é que nela se misturarão o trigo e o joio, um canto de céu azul e uma massa de nuvens cinzentas, persistentes. Nenhum toque de varinha mágica vai transfigurar subitamente as estruturas pesadas, as indefinições espirituais, as práticas conservadoras. Para isso chamava a atenção Einstein: «É mais fácil desintegrar um átomo do que mudar as mentalidades!».

Continuaremos a viver com cristãos que nos exasperam, com textos oficiais que pouco têm a ver com a nossa experiência, com comunidades pouco consistentes. Não sei se a Igreja de amanhã será mais evangélica. Sei apenas que neste final do segundo milénio, se erguem, no seu caminho, desafios novos a que será grave deixarmos de responder. Esses desafios que coincidem com as grandes áreas de experiência humana do nosso tempo podem, em certa medida, identificar-se com a classificação cómoda que nos fornece o apóstolo Paulo quando afirma: «Já não há Judeu nem Grego, não há escravo nem homem livre, não há homem nem mulher: porque todos vós sois um em Jesus Cristo». (Ga 3,28).

Nem Judeu nem Grego

A evocação do Judeu e do Grego abre para o vasto domínio da cultura e da religião. Gostaria de não separar aqui estes dois termos, cultura e religião, su-

blinando antes a sua necessária interferência. Fora do Ocidente, onde se processou um fenómeno de secularização único e característico, a cultura vivida comporta imediatamente uma dimensão religiosa. A fé é parte integrante da cultura. Na América latina como na África ou na Ásia, há uma espécie de evidência social em relação aos fenómenos religiosos ou divinos.

Ao ser questionada por estes novos mundos, a Igreja é-o não só na sua fé mas também na sua cultura, nos seus modos de pensar e de agir. A tradição cristã inscreveu-se num ambiente particular. Hoje é-lhe pedido que encontre outros universos e que neles se enraíze de forma genuína.

Nesta perspectiva, a grande palavra, um pouco bárbara, que vamos continuar a ouvir nos próximos anos é **inculturação**. Designa a fantástica tarefa de encarnação do Evangelho em todas as culturas-religiões do mundo. É atenção: o continente que determinará a agenda da Igreja do séc. XXI é a Ásia. É importante não o esquecermos!

Pensamos por vezes que tudo se resolveria com algumas adaptações litúrgicas ou canónicas. De facto, a **inculturação** exigida por qualquer grupo humano, na Europa como em outros continentes, vai modificar não apenas a expressão cultural da fé mas o seu próprio conteúdo. Por isso nos é dado esperar, maravilhados, o alargamento da nossa visão de Deus e do homem, quando outros irmãos e irmãs, de outras culturas e religiões, vierem alargar o horizonte daquilo a que actualmente se chama Igreja.

Nem escravo nem homem livre

Não sou dos que defendem que a Igreja tem uma competência específica no domínio socio-político, em nome de uma pretensa «doutrina social» ou de um

programa directamente extraído da Sagrada Escritura. A história tornou-nos cépticos a esse respeito. Mas não posso impedir-me de realçar a forma como a preocupação do universal é a questão dos direitos do homem habitam a consciência cristã pelo mundo fora. Ora a evocação de toda a terra habitada (oikouméné) e a defesa, mesmo só teórica, da dignidade de todo o ser humano, são dois limites objectivos que se opõem ao fechamento nacionalista e à proliferação do desumano. Em determinadas circunstâncias, a comunidade cristã tem mostrado que é capaz de resistir, com o melhor de si própria, a um certo número de ídolos. O que aconteceria se a Igreja se empenhasse em mobilizar o conjunto da sua «rede» internacional ao serviço das grandes causas humanas? Talvez isso inflectisse o destino do planeta...

A palavra **solidariedade** corre hoje em todas as bocas. A inflação do vocábulo não deve, porém, iludir-nos quanto à urgência de acção. Acção que implica riscos, na medida em que no centro da sua estratégia estão os pequenos, os fracos, os excluídos. A solidariedade implica que uns se baixem para que outros possam crescer. E isso põe em questão os privilégios, contesta a desordem do mundo.

Numa época em que alguns querem apenas ver na Igreja um oásis espiritual, é capital continuar a empreender uma análise política do funcionamento eclesial. A gestão da Igreja católica conserva qualquer coisa do modelo «imperial» que choca com a legítima aspiração dos homens e mulheres do nosso tempo à co-responsabilidade. Um adágio da Idade Média, que deveria figurar no frontão de todas as igrejas do mundo, diz: «Aquilo que é de toda a gente deve ser

assumido por toda a gente». Pena é que um tal princípio só hoje comece, e tentativamente, a ser posto em prática!

Nem homem nem mulher

Segundo a Primeira narrativa do Génesis, o ser humano foi criado num face a face: «Ele os criou homem e mulher» (Gn 1,27). É essa relação única, essa unidade na alteridade que constitui a imagem de Deus. Boa-Nova espantosa essa, que não deixou ainda de subverter as nossas instituições, os nossos costumes e, talvez, acima de tudo, os nossos imaginários! Estamos ainda no princípio da descoberta do que é a verdadeira paridade entre homens e mulheres, qualquer que seja o nível da vida social.

Um adquirido do movimento feminista é hoje a palavra **reciprocidade**. Reciprocidade que é feita de semelhanças e de diferenças, que multiplica as possibilidades de cada ser humano, que não cristaliza a pessoa num modelo definitivo, que permite a cada um receber do outro.

Parece-me inútil acrescentar que a relação mulher-homem, homem-mulher põe radicalmente em questão a vida da Igreja. Da organização da vida ao reconhecimento dos ministérios, da educação à pastoral em equipas mistas, é toda uma ética e toda uma tradição que assim se vêem questionadas nos seus fundamentos e na sua prática. Também aqui a Igreja tem encontro marcado com o futuro!

Bruno Chenu

à l'occasion des vingt ans le Concile

in Témoignage Chrétien, Nov. 1982

TAREFAS URGENTES

- 1. Temos de começar por inventariar os desafios culturais, económicos e sociais com que se confrontam os países ocidentais. Procurar perceber, a fundo, como se constróiem, se desfazem e se transformam as nossas sociedades. Mas só o poderemos fazer, seriamente, se associarmos o que se passa aqui com o que se passa entre os povos e regiões do terceiro mundo. A crise das sociedades ocidentais corresponde a destruição social e a consolidação do ciclo da miséria nos países sub-desenvolvidos. Por isso a primeira tarefa das nossas Igrejas é produzir universalidade. Só uma visão unificada dos problemas do mundo de hoje nos permitirá reencontrar o verdadeiro sentido católico da mensagem cristã.*
- 2. Face à compartimentação, ao elitismo, à dominante institucional das nossas igrejas,*

temos que inventar novas formas de comunhão, susceptíveis de acolher a diversidade humana e espiritual característica do mundo de hoje. Na Igreja de Cristo, o enraizamento num povo, numa cultura, numa história precisa, vai de par com uma exigência de comunhão universal, capaz de acolher diferentes experiências e percepções da vida, de Deus, da Igreja. Se as abordagens do Evangelho são, naturalmente, diversas e todas necessárias à sua compreensão, Jesus Cristo, Ele, é Um. Urge, pois, que nos tornemos capazes de comunicar uns aos outros aquilo que temos a dizer sobre esse mesmo Jesus, que é a nossa fonte comum.

Vincent Cosmao

in «The future of Europe»

Colóquio realizado na Holanda, Dez. 1981